



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

AS ESTRATÉGIAS ENDOGÂMICAS DAS CLASSES SUPERIORES

Clara Maria Ferraz

“...porque te faço saber que há duas espécies de linhagem: há a linhagem dos que derivam a sua descendência de príncipes e Monarcas, mas a quem a pouco e pouco o tempo foi desgastando até acabar tudo em bico, à laia de pirâmide; outra linhagem é a que principiou por gente baixa e foi trepando até chegar a grandes senhores. Toda a diferença está em que uns foram e não são, e outros são e não eram.”

Miguel Cervantes, D. Quixote de la Mancha

Introdução

No âmbito do estudo realizado pretendia-se clarificar algumas das estratégias endogâmicas desenvolvidas pelas classes superiores, definindo quais os objectivos inerentes a estas estratégias. Nesta linha emergia o campo de pesquisa, onde seria considerada uma questão inicial: serão as estratégias endogâmicas das classes superiores mecanismos de reprodução e distinção social ou práticas que se diluem na dinâmica interclassista? Não interessava catalogar comportamentos ou classificar grupos, mas apreender como um grupo específico bem delimitado (famílias “privilegiadas” da Foz do Douro), definia as suas estratégias sociais. Estas seriam percebidas através de um contacto directo com elementos do sexo feminino, dentro de uma faixa etária entre os quinze e os vinte anos e que integram o referido grupo, sendo potencialmente àquelas, sobre as quais, incidem, de forma consciente ou inconsciente, as estratégias de reprodução e distinção social. Considerar o feminino como objecto de estudo nas ciências sociais não é muito frequente, no entanto, dada a problemática orientadora de toda a pesquisa, revelou-se extremamente útil. Há uma diferença assinalável entre o processo de educação feminina e masculina, sendo que o controlo parental é bem mais visível naquele do que neste. As estratégias endogâmicas constituem aqui o principal vector de investigação e é sobre as raparigas que estas incidem mais directamente. Um mau casamento de um elemento feminino nas classes superiores é quase sinónimo de mobilidade descendente, o mesmo podendo não acontecer tão facilmente quando um rapaz desposa uma rapariga de nível social inferior. Para além da questão do casamento, assinala-se também a espontaneidade do discurso das jovens, de onde é possível retirar significados ocultos, não expressos de modo directo. Nestas mesmas idades, os jovens do sexo masculino encontram-se geralmente numa fase mais imatura, relativamente à reflexão sobre os assuntos abordados na pesquisa. Poder constatar que o sexo feminino tem um lugar tão estratégico na reprodução das classes não deixa de ser um dado extremamente rico do ponto de vista sociológico, já que geralmente as classes ou fracções de classe são vistas como conjuntos de indivíduos e não como indivíduos de sexo diferenciado, por sua vez sujeitos e objectos de estratégias muito diferenciadas no interior dessa mesma classe. Pretendia-se com esta investigação considerar aspectos como: a validade das estratégias endogâmicas (o exemplo do debate); as atitudes das jovens face a essas estratégias; o controlo exercido pelos pais nas suas condutas; confrontar comportamentos e atitudes com valores, para finalmente poder inferir na reprodução ou/e eventualmente na diluição interclassista. Toda esta problemática das estratégias endogâmicas foi desenvolvida, com base na análise cuidadosa de categorias como: educação formal e informal, diferenciação social, valores e representações espaciais, devidamente exploradas e explicitadas no estudo alargado desta mesma problemática. Para além do alargamento do conhecimento relativo a este grupo social, outro resultado poderá advir desta pesquisa, que será consciencializar os próprios sujeitos dos porquês das suas práticas e atitudes, desconstruindo um mundo sempre reconhecido como “natural”. Se a nível científico

esta desconstrução foi, de algum modo conseguida, para as jovens entrevistadas apenas foi possível uma racionalização sobre práticas consideradas naturais sem que isso, no entanto, interferisse no seu código de leitura ou maneiras de agir quotidianas.

O iniciar de um processo de desconstrução social

A população alvo consistia de um universo restrito de indivíduos do sexo feminino residentes na Foz, com a particularidade de terem debutado no baile do Clube Portuense, facto que autenticou a pertença a famílias com tradição e elevado capital social.

O acesso ao meio foi conseguido com o auxílio de informadores privilegiados (o que de outro modo seria extremamente difícil). A partir daí optou-se pela selecção de uma amostra de vinte indivíduos através do *snow ball approach* (amostragem não probabilística tipo bola de neve, em que cada entrevistada contacta alguém da sua rede de conhecimentos, que por sua vez induz a outro contacto e assim sucessivamente). Para evitar uma excessiva homogeneidade do grupo (o que aconteceria no caso de todas as entrevistadas se conhecerem entre si, e que de facto acabou por se verificar) optou-se por subdividir as redes de contacto, abordando elementos de diferentes grupos. Pela análise em profundidade a que a hipótese de investigação se prestava concluiu-se que só um método intensivo ou de estudo de casos permitiria ajustar as evidências empíricas à hipótese de partida, e captar a riqueza particular de cada caso.

A par da entrevista foram accionados dois outros tipos de técnicas: o diferencial semântico, visando apreender as percepções sobre o espaço físico e social da Foz, construído através de escalas de adjectivos; e um pequeno inquérito no qual se pedia às jovens que elaborassem um texto sobre as suas expectativas através da antecipação de um dia do seu futuro (onde referissem aspectos como a zona ideal de residência, a sua profissão e a do futuro marido e a casa onde habitariam). Em ambos os casos a finalidade foi efectuar comparações entre as autóctones da Foz e populações de outras zonas do Grande Porto, de forma a justificar a especificidade da população alvo do presente estudo.

Para uma abordagem de síntese: estruturas e agentes

A necessidade de uma teoria globalizante que articule a acção social do indivíduo, como agente racional e subjectivo com a estrutura social no seu todo conduz ao trabalho preconizado por Pierre Bourdieu. É na sua obra que se encontram os conceitos fundamentais que permitiram a desconstrução de práticas sociais entendidas, desde sempre, como “naturais”. De um pensamento extremamente dialéctico, decorre uma noção central: o *habitus*, um sistema de disposições que permanecem ao longo do tempo, integrando todas as experiências passadas e que funciona a cada momento como matriz de percepções, apreciações e acções (Bourdieu, 1980). Segundo Touraine (s.d.), Bourdieu enquadra-se numa óptica que articula uma visão sistémica com uma visão de conflito, a que denomina estruturalismo crítico ou genético. O estruturalismo genético permite discernir como os agentes de diferentes classes e fracções de classe dispõem dos seus capitais de espécies diferentes, actuando e objectivando o seu *habitus* de classe, para manter ou expandir as suas posições e as suas propriedades (Ansart, 1990). Toda a acção social encerra em si um processo de interiorização da exterioridade, mas também um processo de exteriorização da interioridade. Nesta perspectiva, o agente social é estrutura estruturante e estruturada. O espaço social de acção deste sujeito integra campos sociais diferenciados entre si, de onde derivam um conjunto de posições objectivas específicas. Os campos sociais integram um jogo tripartido de capitais: económico, social e cultural, variando a sua ponderação de campo para campo. O capital social é um elemento maximizado na classe do grupo de estudo, põe em relevo um jogo de recursos actuais ou potenciais, ligados a uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e interconhecimento (Accardo e Corcuff, 1986). No entanto, os campos são zonas em movimento, os seus capitais não estão definidos de uma vez por todas, há conversão e evolução. Para além disso, as elites das diferentes hierarquias articulam-se, de tal modo, que não é fácil visualizar fronteiras nítidas entre elas.

Dado que o grupo que foi alvo da pesquisa integra claramente um grupo dominante, tentou-se desnaturalizar toda uma série de comportamentos e atitudes, tidos desde sempre como lógicos e “naturais”. O simbólico é um elemento fundamental nas relações sociais, proveniente de uma transformação quase mágica dos outros tipos de capitais. Constitui uma áurea protectora que faculta aos agentes um certo poder de exercer fortes influências sobre outros agentes. Dentro do espaço social definido por Bourdieu, as relações entre os homens constituem-se em relações de poder que reproduzem o sistema objectivo de dominação, é uma estratificação aceite como legítima e interiorizada como natural (Órtiz, 1983). Há uma diferença inscrita na estrutura do espaço social, que funciona como mecanismo de distinção. Esta produz separações destinadas a serem

percebidas, conhecidas e reconhecidas como diferenças de natureza. Nomeadamente nas jovens, objecto de estudo, o processo de distinção veicula uma cultura identitária bastante marcante e estruturante. Estas práticas distintas destinam-se a serem percebidas e respeitadas, ou seja, reconhecidas como superiores e legítimas pelas diferentes juventudes, ligadas a outras culturas de classe.

No âmbito da teoria geral de Bourdieu encontrou-se uma certa adequabilidade conceptual que permitiu desmontar comportamentos de determinadas elites que garantem assim a sua posição no patamar “dourado” da hierarquia social.

A propósito da reprodução social: estratégias de endogamia

A sociedade actual pautada por valores como a igualdade de oportunidades e a democracia, proporciona um maior contacto interclassista (espacial, cultural, profissional) favorecendo um certo alargamento da esfera de possibilidades na escolha amorosa, isto é, uma extensão do mercado matrimonial. Contudo, a par desta extensão verifica-se uma tendência geral para a escolha do par dentro da classe social de pertença. A explicação para este facto poderá residir no que Bourdieu denomina de *processo de comunicação de habitus* (Bourdieu, 1979). Ao interagirem, os indivíduos comunicam incessantemente o seu *habitus* de classe, podendo ou não entrar em sintonia com o outro. Se este possuir um *habitus* de classe semelhante é comunicada e percebida uma certa comunhão de gostos, valores, práticas e estilos de vida que possibilitará mais facilmente um sentimento de empatia afectiva e/ou amorosa. Constata-se um processo de *afinidade electiva* (Bourdieu, 1979) em que os diferentes *habitus* se asseguram da sua afinidade com outros *habitus* socialmente semelhantes. Este processo desencoraja relações sociais assimétricas encorajando as relações consideradas adequadas, sendo estas operações formuladas na linguagem comum como simpatia e antipatia. Geralmente este processo é realizado sem que os agentes intervenientes tenham consciência dele, e em que a identidade do outro é mais sentida do que conhecida (Bourdieu, 1979).

No grupo de estudo, para além deste processo inconsciente de *afinidade electiva* na comunicação do *habitus*, verificou-se que o facto de se encontrarem no topo da hierarquia social faz com que possuam bem interiorizados os limites do considerado possível pelo meio, isto é, até onde poderiam ir na escolha de um parceiro sem risco de choque ou conflitos familiares.

(...) eu acho que é igualzinho ao meu (nível social) só que era capaz de notar algumas coisas, não sei... mas acho que se nós casássemos não ia haver aquele choque entre famílias, não, era igual, era óptimo! (18 anos)

À partida, a inculcação de determinado *habitus* de classe distinto e distintivo, desde a nascença, pela família, escola, amigos e “meio”, possibilita um forte processo endogâmico e intraclassista. De facto, este grupo ao possuir uma consciência de classe muito forte faz com que todo este processo endogâmico se torne uma finalidade em si, desejado e procurado, por vezes, mesmo conscientemente. É um dos grupos sociais em que existe uma maior racionalização sobre todo este processo, na medida que apostam na reprodução social para se manterem no topo da hierarquia.

Para a apreensão de certos elementos do *habitus* de classe que estão na base do forte processo endogâmico que caracteriza em especial este grupo social, optou-se por abordar algumas estratégias provenientes do “meio” em geral e da família em particular. Este conjunto de estratégias subtis funcionam como “mãos invisíveis” (Nunes, 1968) na tentativa de fechamento social com vista a proporcionar às jovens do meio um mercado matrimonial que se restrinja aos seus semelhantes, sem que haja possibilidade de visionar o poder efectivo dessas “mãos”.

O que se pode constatar após o estudo é que este meio é efectivamente palco de um jogo entre uma grande liberdade que é concedida às jovens paralelamente a um grande controlo, subtil, em relação a todas as esferas da sua vivência individual e social. De facto, as jovens têm a ilusória liberdade de escolher os seus amigos e namorados mas o processo de fechamento social é tal, desde a nascença que as faz interagir, verdadeiramente, só com os seus socialmente semelhantes. Daí a sua dificuldade, por vezes, em emitir opiniões sobre o comportamento de outro grupos diferentes do seu. Efectivamente “Todas as estratégias facultam-lhes a ilusão de encontros amorosos como resultado de um feliz acaso.” (Pais, 1990, p. 600)

Neste contexto, optou-se pela análise de alguns factores considerados como estratégias fortemente endogâmicas, encetadas pelas famílias do “meio” com o objectivo mais ou menos consciente de restringir ao máximo o círculo de possibilidades da jovem encontrar o seu par num grupo exterior.

O controlo parental

Abordar o *controlo parental* como estratégia endogâmica impõe-se, na medida em que, cabe aos

adultos do “meio” vigiarem os seus jovens para que a transgressão que caracteriza a juventude como categoria geracional não ultrapasse os limites socialmente legítimos. Este controlo torna-se fundamental para que se perpetue a endogamia que possibilitará, mais facilmente, a tão desejada reprodução social deste grupo.

Ao chegarem à idade em que o “destino” as faça conhecer o seu par, é esperado que as jovens já possuam interiorizadas a consciência de pertença a uma classe distinta, seus valores e normas. Os adultos do “meio” necessitam de se sentirem seguros que o espaço possível para o encontro amoroso se dê dentro dos limites da sua classe de pertença. Daí procurarem desde a nascença das jovens fechar o seu círculo de relacionamento o mais possível aos seus semelhantes. A educação familiar reside na inculcação de valores, modelos e normas que lhes permite distinguirem-se da sociedade em geral e identificarem-se como membros do “meio”, fazendo uma triagem entre quem é e quem não é. O controlo parental e de famílias do “meio” procura pois perpetuar a sua unidade grupal (Nunes, 1968).

Na análise efectuada verificou-se que o *controlo parental* com vista à reprodução da classe de pertença e dos valores a ela inerentes, se inicia logo nos primeiros anos de vida das jovens.

Na altura da entrada na escola primária, verifica-se uma grande homogeneidade na escolha de uma escola privada em particular. O desejo das famílias em proporcionar um ambiente preenchido pelas denominadas “boas companhias” para as suas filhas impõe preferencialmente um compartilhar do espaço escolar com crianças pertencentes ao “meio”, filhos de seus amigos ou conhecidos, em quem depositam a maior confiança.

A minha mãe sentou-me logo na carteira da B.C.M. (...) mas távamos as duas a chorar e eu fiquei amiga dela. (18 anos)

Esta procura intencional mas nem sempre explícita de um certo fechamento social começa desde cedo e prolonga-se durante a vida destas jovens, estendendo-se a vários níveis, sejam eles, amigos, namorados ou práticas sociais em geral.

A escolha dos amigos é algo que preocupa bastante os adultos do “meio”, no entanto, dado que são alvos, desde a infância, de uma circunscrição relativamente a outros grupos sociais, raros são os casos de evasão ao forte endoclassismo que é regra geral dos grupos de amigos destas jovens. Os pais acreditam e confiam que as filhas dificilmente escolherão para amigos alguém que fuja à sua classe de pertença, contudo, o controlo terá de ser contínuo, apesar de subtil e indirecto, dado que não necessita de ser manifesto. Efectivamente, a grande percentagem de todas as referências feitas pelas jovens ao controlo parental relacionam-se com um controlo indirecto face às suas companhias. Os pais gostam de saber quem são as companhias das jovens e quem são as suas famílias. Este facto deriva não só do forte conhecimento interfamiliar que se verifica, bem como, do controlo indirecto mostrando às jovens que estas preferencialmente deverão dar-se com amigos do seu “meio”, que são já conhecidos da família.

Por exemplo, eu mostrei a lista e a minha mãe pergunta: “Quem é este?” e uma pessoa: “Oh mãe, este é filho daquele que não sei quê!”, ajuda imenso, enquanto se a minha mãe não conhecer ela não dá tanta importância porque não o conhece (...) se não conhecia a família, conhecia o nome, sei lá, ajuda um bocado.” (18 anos)

A importância do nome familiar é neste contexto bastante significativa não só para os adultos como igualmente para as jovens, que desde a escola primária se habituam a referir-se aos amigos indicando sempre o respectivo nome de família.

Outro aspecto deste controlo referido pelas jovens, diz respeito ao facto da generalidade dos pais gostarem que os amigos das jovens frequentem a casa, possibilitando um conhecimento mais próximo do seu ciclo de amizades. Quando entendem que algum amigo não está de acordo com o considerado possível no “meio”, os pais dizem-no explicitamente, tornando-se assim um controlo mais manifesto. Apesar do controlo nestes casos ser manifesto, não necessita de ser levado muito longe, na medida que há um grande conformismo aos valores familiares e suas normas por parte das jovens. Estas aceitam facilmente o controlo parental e identificam-se com seus valores e modelos de comportamento. Na investigação levada a cabo, não foi possível encontrar nenhuma jovem que pusesse em questão esses valores das gerações mais velhas. Isto deve-se, como já ficou dito, ao processo geralmente subtil de controlo que se vai exercendo desde muito cedo e ao convívio de grupo endoclassista que mantém uma certa afinidade com os valores da classe de pertença.

O *controlo parental* estende-se a vários outros domínios, nomeadamente no que diz respeito à escolha do par amoroso. Constatou-se na análise que as referências ao controlo indirecto neste domínio dizem respeito ao desejo dos pais em conhecerem o namorado actual da filha, quando este existe, e emitirem sempre a sua opinião, seja esta favorável ou desfavorável. As jovens têm plena consciência dos limites permitidos na escolha do par, daí geralmente não ser necessário qualquer tipo de controlo manifesto. Elas aceitam tacitamente a ideia de que os pais não viam com bons olhos se elas tivessem um namorado de uma classe inferior e elas próprias não vêem esse facto como provável e muito menos desejável. Quando se analisa o controlo manifesto relativo à escolha do par, encontram-se referências explícitas da parte dos pais, em que demonstram o desejo de que as filhas seleccionem

o namorado dentro do círculo de famílias conhecidas do “meio”. Quando por qualquer falha no processo de fechamento de grupo, a jovem encontra o seu par numa classe considerada por elas de inferior, os pais abertamente manifestam o seu descontentamento, fazendo-lhes ver a diferença de educação que os distingue.

Preferia que eu tivesse outro, diz que eu sou muito nova para me prender (...) “Devias arranjar outros rapazes” (...), mas ela queria e queria conhecer... sabe como é?... famílias conhecidas, sabe?, aquelas coisas... Eu, a mim, tanto me faz! (18 anos)

Efectivamente a “educação distinta” transmitida pelos pais e famílias do “meio”, funciona como processo de aprendizagem de modos de ser, sentir e fazer que lhes facultam certos critérios de gosto funcionando como implantação de fronteiras na futura escolha do par ideal, entre “quem é” e “quem não é” para elas.

Considerou-se ainda que, quando necessário, os pais, directa ou indirectamente, levam as jovens a optarem pela ida ao Baile de Debutantes, realizado num clube com longa tradição na cidade do Porto e que congrega a “boa sociedade” portuense. Este controlo é manifesto quando não há ainda nas jovens um desejo seu de debutarem, neste caso, os pais procuram explicitamente afirmar a importância de tal prática, principalmente para o seu futuro.

Eu não queria nada, achava que, prontos, que era uma seca, que não tinha sentido nenhum (...) Depois a minha mãe disse-me que ele ficava todo contente se levasse a filha (...) O meu pai disse-me: “Ah, se calhar vais sempre fazer conhecimentos importantes até para a tua vida futura!” (...) Pode ser rapaz ou por exemplo alguém que eu conheça p’áí da idade do meu pai que um dia me possa dar um trabalho. (17 anos)

Mas nem sempre será necessário um controlo manifesto, geralmente os pais demonstram a grande alegria que seria se as filhas fossem debutar, de tal modo que elas sabem que seria uma grande desilusão para eles se tal não se verificasse. Os pais ao serem sócios do Clube Portuense já têm em vista o dia que irão ver a sua filha debutar, como terão ido a sua mãe e avó, dado que esta é uma das festas do clube com mais prestígio social. Desde cedo as jovens esperam, pois, pela chegada desse dia com ansiedade, principalmente ao verem suas primas, irmãs mais velhas ou amigas debutarem antes delas.

Por último, sobre o controlo parental nas saídas à noite, verificou-se que existe uma grande liberdade nas saídas e nas horas de chegada. Este facto não poderá, no entanto, ser interpretado como um desenfreamento do controlo parental e um alongamento das fronteiras de classe, na medida que a liberdade para as saídas à noite é concedida porque os pais conhecem os amigos com quem as jovens saem e estes foram já sujeitos a um controlo prévio.

Aqui na Foz há muito a ideia de deixar sair, as pessoas todas se conhecem, há sempre um irmão mais velho. (17 anos)

Com os meus amigos, os meus pais sempre me deram imensa liberdade. (17 anos)

Efectivamente trata-se de uma liberdade que lhes é concedida porque se trata de uma “evasão” dentro das fronteiras da sua classe. Frequentam sempre os mesmos bares e discotecas nocturnas, daí que os pais tenham confiança, não necessitando de exercer grande controlo nesse aspecto, proporcionando às jovens a ilusão de uma certa transgressão. Concluindo, convirá reafirmar o grande conformismo e identificação das jovens com os valores da classe de pertença e das gerações mais velhas, fazendo com que o controlo parental não necessite de ser demasiado manifesto. As jovens, apesar da idade, acham-se já identificadas com o “meio”, “pré-determinadas a ocupar e a dar continuidade às posições de poder e prestígio que o “meio” detém na sociedade” (Nunes, 1968, p. 110). Tudo é concebido de uma forma que as jovens não necessitem de pôr em questão a hierarquia social em geral e a sua posição nela.

Redes grupais

É no seu ciclo de relações que os jovens, geralmente, encontram o seu par, reafirmam gostos, valores e estilos de vida muito próprios. Para a generalidade dos jovens, os amigos de grupo constituem o espelho da sua própria identidade, ajudando-os no seu próprio processo de construção identitária. Os membros de um grupo ao identificarem-se entre eles, distinguem-se dos demais, interiorizando e exteriorizando, em relação a outros, certas distâncias. Esta forte identidade grupal comungada por todos os indivíduos pertencentes a um mesmo grupo de amigos é geralmente alcançada na medida que se verifica um certo endoclassismo grupal. A comunhão de valores, modelos e práticas num grupo de amigos é possível porque habitualmente comungam também a mesma classe de pertença ou de referência. Relativamente às jovens que foram objecto de estudo, verificou-se efectivamente um endoclassismo grupal consciente. Ao referirem-se à classe de pertença dos elementos do seu grupo de amigos, na generalidade as jovens consideraram estes serem do seu nível social, no entanto, existiram certas referências a membros que pareciam não partilhar da sua educação “distinta”.

Eu tenho uma amiga que eu acho que é um bocado... nós entre amigas somos iguais (...) mas a família já é diferente da minha (...) têm costumes, gostos completamente diferentes.

(18 anos)

Apesar de terem sido raras as referências a membros do grupo com educação um pouco diferente, não terá havido nenhuma presença de membros de classes inferiores nos grupos analisados. Isto comprova a forte homogeneidade de classe dos grupos de amigos das jovens. Procurando alcançar a rede que levou ao conhecimento do grupo de amigos actual, verifica-se a predominância da escola (primária, ciclo ou secundária) e das relações de vizinhança.

QUADRO Nº 1

REDE DE CONHECIMENTO DO GRUPO DE AMIGOS

	ni	fi(%)
Vizinhos	9	30%
Escola	14	46.7%
Filhos de amigos pais	4	13.3%
Primos	2	6.7%
Desporto	1	3.3
Total	30	100%

O que se pôde constatar é que os colegas de escola que se tornaram parte integrante do seu grupo de amigos partilham igualmente o mesmo espaço habitacional. As entrevistadas apesar de considerarem ter sido a escola que levou ao conhecimento dos seus actuais amigos, acabam por referir que eles são também vizinhos e partilham o mesmo espaço físico — a Foz. Poder-se-á pois afirmar que para além de um forte endoclassismo verifica-se igualmente no grupo de amigos destas jovens uma comunhão do mesmo espaço físico/social, facto que estas consideram ser bastante importante. Moramos todas perto e não sei quê e é muito mais fácil, é um bocado seca ter amigas que moram em coiso... porque no fundo acaba por nunca tar a par das conversas e não sei quê, uma pessoa pode-se contactar por telefone mas é diferente, andar numa escola diferente, acaba por cortar um bocado, uma pessoa pode ser amiga e não sei quê, mas já não é aquela amiga íntima. (17 anos) Foi possível detectar certos preconceitos, em algumas entrevistadas relativamente a jovens de outros meios físicos/sociais, com as quais referem explicitamente que nunca estabeleceriam uma relação de amizade.

Não me dava com um grupo da escola Aurélia de Sousa, não sei explicar..., não sei, acho que não tem nada a ver, não temos nada a ver, podia vir a ser amiga dum ou doutro mas acho que eu não entrava para um grupo desse género (...) sei lá, estou mesmo a imaginar o género de pessoas(...) imagino que são um bocado azeiteiros (...) sei perfeitamente que não sei se dava para elas irem a minha casa, um grupo dessas pessoas estarem em minha casa e tarem à vontade, acho que nem eles se iam sentir bem. (18 anos)

Curiosamente, a diferenciação foi sendo feita em grande parte tendo em mente grupos do próprio “meio”, da zona da Foz. As jovens diferenciam-se face a grupos que não partilham com elas os mesmos espaços. Quando se referem a grupos pertencentes a outros espaços o seu discurso é sempre baseado em estereótipos, na medida que nunca tiveram um contacto próximo com eles, devido ao fechamento social que partilham. Daí que, quando se diferenciam de outros grupos de amigos da mesma classe de pertença, as referências de ordem psicológica perdurem sobre as sociais, verificando-se o contrário na sua análise de certos grupos de classes inferiores, como já ficou referido anteriormente.

O baile do debute

Fundado em 1857, o Clube Portuense é uma das mais antigas e conceituadas associações de Portugal. Este clube reúne a “alta sociedade portuense” e a admissão é bastante reservada, tendo como critério principal a tradição de família e o seu bom nome. Só os homens é que podem ser sócios e as filhas de sócios se casarem com não sócios perdem o privilégio de frequentar este clube.

A particularidade de grande percentagem dos sócios do clube serem oriundos da zona da Foz mostrou-se um afirmar da importância deste zona na “sociedade portuense”. Este clube organiza anualmente no primeiro sábado do mês de Janeiro um baile de debutantes. Este baile tem como objectivo a apresentação das jovens a partir dos quinze anos ao “meio” e em particular aos membros do sexo oposto. Num ritual impregnado de simbolismo, as jovens, por ordem de tradição de família, são pela mão de seus pais ou familiares do sexo masculino, apresentadas aos directores do clube. Em épocas anteriores, o baile do debute representava para as jovens debutantes o ritual de passagem da esfera privada à esfera pública, passando a partir daí a ter permissão para futuras saídas à

noite. Actualmente, como todas as entrevistadas referiram, as saídas à noite começam mais cedo, bem como o convívio com o “meio”, daí não considerarem que se trate de uma apresentação à sociedade na medida que já conheciam essa sociedade antes do dia do debute.

Antigamente isto devia ser supostamente um baile para apresentar a menina à sociedade, eu acho que fui apresentada à sociedade já há muitos anos. (19 anos)

Se a função inicial do baile parece estar perdida no tempo, qual será portanto a razão de ser da sua perpetuação e consolidação actualmente? Neste sentido, procurou-se alcançar as representações associadas à festa do debute e ao ritual em si, bem como o seu significado, quer para as entrevistadas, quer para a sua classe de pertença.

QUADRO Nº 2

REPRESENTAÇÕES DO DEBUTE

	ni	fi(%)
Tradição	88	28%
Reconhecimento grupal	98	31.2%
Prestig. social/pessoal	86	27.4%
Carácter lúdico	42	13.4%
Total	314	100%

Por *Tradição* considerou-se todas as referências feitas à tradição do baile em si e seu anterior significado, bem como a tradição familiar de debutar (avó, mãe, etc.). Para as entrevistadas é um factor bastante relevante, decisivo e fortemente consciente, e é uma das razões que as levou a decidirem-se por debutar.

Por exemplo, o meu avô já era sócio do Clube Portuense, o meu bisavô, desde que aquilo existiu, não era? Por isso eu fui, por uma questão de tradição (...) (O que é que significou para ti fazer o debute?) Foi continuar uma tradição! (17 anos)

Considera-se que os indivíduos que comungam esse espaço têm como traço comum a posse de um status herdado que os distingue dos demais. O facto de estarem a partilhar um espaço e consolidar uma prática que os seus antepassados iniciaram, é um motivo plausível para a perpetuação deste ritual. Segundo alguns dados obtidos existe uma tradição de família na frequência do clube, não se verificando nenhum caso em que a actual família fosse a primeira geração de sócios do clube. Este facto demonstra bem o peso da tradição para este grupo neste contexto. Numa época em que os valores tradicionais se estão a perder, este grupo procura a sobrevivência de algumas práticas que os fazem distinguir dos demais, já que nem todos os membros desta classe o poderão partilhar. Trata-se pois de uma prática que para além de comunicar distinções em relação a outras classes sociais, também estabelece certos limites dentro do mesmo grupo, entre os que são portadores de uma tradição familiar (um bom nome de família) e os que adquiriram o seu estatuto actual, não por via familiar mas por via profissional. As representações do debute associadas ao forte *reconhecimento grupal*, vai de encontro a uma das hipóteses iniciais da pesquisa que seria que o debute actualmente funciona, não como um conhecimento entre pessoas socialmente semelhantes, mas sim como um reconhecimento e um afirmar de todo um conjunto de práticas e rituais distintos e distintivos que demarcam as fronteiras com outras classes ou fracções de classe. Funciona assim, como uma forte estratégia das famílias para levar as jovens a reconhecerem como socialmente semelhantes os indivíduos do sexo oposto e para manterem e perpetuarem critérios de gosto e modos de estar, que progressivamente funcionam como redutores do campo possível de escolhas afectivas e amorosas. O objectivo final desejado é a perpetuação da unidade do “meio” pelas gerações mais novas.

Com o *Prestígio Pessoal/Social* pretendeu-se medir as referências feitas pelas entrevistadas ao prestígio que o acto de debutar lhes proporcionou, na sociedade em geral e no seu meio de pertença. O facto de *prestígio pessoal e social* se encontrarem agregados justifica-se porque neste contexto um não é possível sem o outro. Numa prática em que o capital social e simbólico imperam, estes dois factores, social e pessoal, encontram-se assim agrupados. No conjunto de famílias que frequenta o clube, o prestígio pessoal das jovens encontra-se superiorizado, principalmente pelas “tias” que elogiam os seus vestidos e elegância no estar, o que mantém as debutantes no centro das atenções. Iguamente, a importância que os elementos do sexo oposto lhes conferem, favorece bastante a sua auto-estima pessoal/social.

Quanto ao prestígio conferido pela sociedade em geral, que não pertence a este clube, este é bastante forte. Inicialmente, para as amigas da sua classe de pertença, mas cujos pais não são sócios, o facto de ter ido debutar confere-lhes um privilégio grande, que é geralmente invejado pelas demais.

Eu acho que há muita gente que gostaria de ir e que têm pena, não sei se têm inveja das pessoas, mas que gostava de ir, porque é assim uma coisa que é um bocado privilégio e é. E no fundo até pode significar, no fundo não. À superfície, assim uma classe social elevada, educação e selecção e não sei quê. (17 anos)

Em segundo lugar, para o seu círculo de conhecidos, da escola e de outros meios, o facto de saberem que a jovem debutou, e por ter aparecido em algumas revistas que reporta o evento, reafirma a sua pertença grupal de modo simbólico.

Eu senti-me muito embaraçada quando as da minha turma: “Vi-te na revista!”, porque devem achar que eu sou toda social, e eu não me considero nada. “Ai! Foste debutar, que social!”, devem achar que aquilo é ridículo (...) irritou-me imenso aparecer nas revistas todas, não gostei nada, por causa disso, mas ao princípio, é claro que gostei (...) Talvez as pessoas que vêm na revista: “Olha quem está aqui!”, já é mais..., talvez comecem, não aconteceu comigo, mas talvez comecem a tratar com mais respeito, tipo apareceu numa revista é toda social, então já não posso ser assim, ela não é tão parva quanto eu pensava, é um bocado assim. (17 anos)

Trata-se pois de uma prática com um grande valor simbólico, na medida que legitima a pertença a uma certa classe superior e comunica essa pertença ao “meio” e à sociedade em geral. O *carácter lúdico* do baile em si deve ser referido, apesar da formalidade do ritual foi um momento de divertimento entre as jovens, em que dançaram, comeram e beberam.

Ainda sobre o baile do debute, procurou-se determinar se existia nas jovens um conformismo às normas do meio, nomeadamente analisar como era vista por elas a selecção social efectuada no Clube Portuense para a entrada de novos sócios. Constatou-se efectivamente que, as jovens comungam já valores fortemente endoclassistas e de certo fechamento social, não pondo em causa as regras vigentes, concretamente no Clube Portuense.

QUADRO Nº 3

SOBRE A SELECÇÃO NO CLUBE

	ni	fi(%)
Aceitação sem Reservas	25	89.3%
Aceitação com Reservas	3	10.7%
Não Aceitação	0	0%
Total	28	100%

As referências feitas a uma aceitação com reservas não correspondem a um questionar do fechamento social, visto a entrada de indivíduos de outras classes sociais no clube ser visto sempre com bastantes reservas. Efectivamente, o baile de debutantes do Clube Portuense é uma estratégia de endogamia forte, accionada pelas famílias do “meio” no sentido de fixar fronteiras e estruturar gostos e estilos de vida. A atitude das jovens perante esta estratégia é de aceitação e conformismo com as regras impostas pelo “meio”. O facto de pertencerem ao ciclo restrito que tem o privilégio de frequentar o Clube Portuense confere-lhes um estatuto social privilegiado, daí a sua aceitação passiva.

A escolha do par

A escolha do par tem um papel fundamental no estudo em questão. Dada a idade das entrevistadas, não foi possível avaliar a eficácia ou não das estratégias de endogamia, no entanto procurou-se analisar as representações que as jovens possuíam neste momento em relação à escolha do seu par. Visto nem todas as jovens à altura da entrevista terem um namorado, pediu-se-lhes para se referenciar a um último namorado com mais importância para elas. Em alguns casos, no entanto, nunca tinha havido um namorado, tendo sido aí unicamente possível retirar informações respeitantes às representações do seu par ideal.

A mãe dele era doméstica, o pai era Director de uma escola (...) era professor e director do Conselho Directivo (...) Lá um sentava-se, começava a comer, o outro ainda podia tar a lavar as mãos e vir p'á mesa, sei lá, são coisas, à mesa é que se vê a educação das pessoas é isso (...) Pronto, notava-se que ele não era igual, não tinha a mesma educação do género, não tinha o mesmo nível social, isso notava-se. (19 anos)

Analisando a rede que levou ao conhecimento do namorado actual ou passado, verificou-se que a maior percentagem terá sido no interior do seu grupo de amigos, daí a importância do controlo, visto

estes representarem o maior “espaço” de conhecimento do par das jovens. Tendo sido referido o forte endoclassismo grupal, o facto das jovens encontrarem o seu par dentro do grupo, confere grandes probabilidades de que as suas escolhas amorosas se situem na classe de pertença. Ao procurar fazer um cruzamento entre a rede de conhecimento com o nível social dos namorados, verificou-se que as jovens que referem a existência de namorados de nível social inferior, só numa, este terá provindo do seu grupo de amigos de infância, as outras redes têm a ver com a escola e outros contextos. Sendo assim, pode-se afirmar que as redes de conhecimento: grupo de amigos, família, vizinhos e Clube Português, proporciona relações com pares socialmente semelhantes, confirmando-se o que tem vindo a ser referido ao longo do presente estudo. Centrando agora a análise nas expectativas que as jovens têm face a esse namoro, quando este existia à altura da entrevista, verificou-se que por vezes se torna difícil conseguir desmontar no discurso as referências classistas das referências geracionais. Contudo neste caso preciso, na generalidade as referências geracionais prevaleceram. Neste sentido, a correlação entre as categorias nível social e expectativas não se mostrou significativa, na medida que considerando as suas idades as expectativas face a um namorado geralmente de poucos meses não serão muitas ainda. Todas as entrevistadas mostraram-se conscientes que a diferença social entre pares dá origem a certos choques que futuramente poderão ser mais difíceis de ultrapassar. E se para algumas ainda é possível o enamoramento por rapazes de classes inferiores apesar de bem visualizadas as diferenças, para outras, isso ultrapassa já os limites possíveis da sua classe.

Nós temos sempre um bocado a ideia que nunca... que nunca nos vamos apaixonar por um rapaz que seja diferente de nós socialmente, porque uma pessoa até pode gostar muito dele e não sei quê mas depois há o choque entre as diferentes famílias. (18 anos)

Esta consciência de pertença a uma determinada classe e de seus limites encontra-se bem patente nos discursos das jovens. Estes tornam-se uma “antecipação prática dos limites objectivos (...) que provoca a exclusão dos que estão já excluídos” (Bourdieu, 1979, p. 195). Nas referências sobre o seu par actual ou ideal denotou-se uma exteriorização de um *habitus* já interiorizado desde a nascença. Se bem que não se pode ainda concluir sobre a eficácia das estratégias de endogamia analisadas, poder-se-á afirmar que nos discursos das jovens se vislumbra o peso dessas estratégias na construção do seu *habitus*. Os bons casamentos deverão ser comandados pela razão e não pelo sentimento (Pais, 1993), as jovens têm plena consciência deste facto, daí considerarem como improvável ou mesmo impensável contraírem matrimónio com elementos de outras classes sociais.

Conclusão

Concluir uma pesquisa, nomeadamente na área das ciências sociais, é sempre inspirador de novas hipóteses de análise, sublinhando-se, deste modo, a provisoriedade do próprio conhecimento científico.

No estudo efectuado, as estratégias endogâmicas das classes superiores constituíram sempre o cerne da investigação, inspirando múltiplas hipóteses e a própria metodologia aplicada. Dentro deste vector das estratégias endogâmicas, pretendia-se constatar a sua existência e se estas funcionam como mecanismos de reprodução e distinção social ou se as práticas inerentes a essas estratégias se iam diluindo na estrutura de classes. No seguimento desta linha e numa circularidade constante entre quadro teórico e pesquisa empírica, foi possível inferir que as estratégias endogâmicas existem e com um carácter fortemente reprodutor, sendo quase negada qualquer possibilidade de diluição de fronteiras entre as classes. O endoclassismo encontra-se patente em todas as práticas sociais protagonizadas pelas jovens. A endogamia, é assim, o corolário de todo um processo que tem início no berço e daí também o grande peso da educação informal, prolongando-se nas instituições de ensino formais. Apesar da massificação, as práticas sociais no seu todo distinguem-se de modo nítido, existindo consciência plena da condição de privilégio que coloca sempre os “outros sociais” num plano social inferior. O próprio código de leitura associado à classe de pertença funciona como ponto de demarcação que reforça a identidade do grupo, afastando paralelamente saberes que provoquem dissonâncias no seu universo mental.

A instituição familiar associada à tradição e a nomes sonantes é o pilar base que sustenta toda a “arquitectura” social do grupo. É visível um controlo parental forte nas jovens, embora accionado de um modo muito indirecto. A própria educação “distinta”, que estes proporcionam aos seus filhos é já uma forma de controlo, estão a definir as possibilidades dos grupos de amigos, das escolhas do par, das maneiras de ver e pensar o mundo. Existindo também um conformismo notável ao nível dos valores. As jovens aceitam os valores veiculados pela cultura de classe, não demonstrando necessidade de problematizar certos aspectos dessa cultura, tidos sempre como naturais. Este facto não impede o desenrolar de um cultura geracional, que caracteriza de modo bem particular, as suas redes de sociabilidade e de lazer, particularmente nesta idade. Embora esta cultura geracional compreenda uma vertente classista muito sólida, que vai moldando e delimitando todas

as práticas das entrevistadas, é de notar que o próprio discurso das jovens denota essa vertente classista, efectuando um autodistanciamento de outros níveis sociais. Quando este discurso é mais consciente, referem a variável classe social como não importante na sua acção quotidiana com outros sujeitos, o que é imediatamente refutado numa ideia posterior. Esta situação não pode ser alheada do contexto da realização das entrevistas. É um contexto criado com um fim definido — realizar a entrevista — sem que haja um contacto anterior entre entrevistadora e entrevistada, o que inibe, de algum modo, o discurso classista da entrevistada. Até porque, esta desconhece a origem social da primeira, o que leva certamente a um suavizar de algumas opiniões emitidas. O facto das entrevistas terem sido realizadas por elementos, também, do sexo feminino, com idades próximas das jovens entrevistadas facilitou a comunicação e a abordagem de determinados temas, diminuindo muito o constrangimento do primeiro contacto. Para além da artificialidade do contexto do contacto, é de assinalar igualmente um “máximo de consciência possível” (Goldman, 1971), inerente quer ao sujeito, quer ao objecto da pesquisa, que pode constituir um obstáculo epistemológico ao conhecimento. Estes limites de consciência associados à classe de pertença não devem deixar de ser considerados, pois levarão certamente a uma descoincidência em termos de visão do mundo, que deve ser identificada, para assim, evitar certas incorrecções, susceptíveis de enviesar todo o processo de investigação.

Constatou-se, de facto, que existem práticas sociais destinadas a serem percebidas e reconhecidas como legítimas, levando à manutenção e perpetuação de um conjunto de estratégias endogâmicas. São mecanismos instituídos que levam à reprodução de um *status* herdado, garantindo uma situação de privilégio muito distinta. A validade destas inferências reporta ao próprio quadro teórico de base que sustenta toda a investigação.

Referências Bibliográficas

- ACCARDO, A., CORCUFF, P. (1986). *La Sociologie de Bourdieu*. Ed. Le Mascaret, Bordéus.
- AGUIAR, N. (1974). *Hierarquias em Classes: uma Introdução ao Estudo da Estratificação Social*. Zahar, Rio de Janeiro.
- ALMEIDA, J. F. (1984). “Temas e conceitos nas teorias de estratificação social”, in *Análise Social*, Vol. XX (81-82), Lisboa.
- IDEM (1990). *Portugal - os Próximos 20 Anos*. VIII vol. F. Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- ALMEIDA, J. F., COSTA, A. F., MACHADO, F. L. (1988). “Famílias, estudantes e universidades - painéis de observação sociográfica” in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 4, Lisboa.
- ALMEIDA, J. F., COSTA, A. F., MACHADO, F. L. (1994). “Recomposição sócio-profissional e novos protagonismos” in REIS, A. (coord.), *Portugal, 20 Anos de Democracia*. s. 1, Círculo de Leitores.
- ANSART, P. (1990). *Les Sociologies Contemporaines*. Ed. Seuil, Paris.
- BARDIN, Laurence (1977). *Análise de Conteúdo*. Ed. 70, Lisboa.
- BERTAUX, P. (1978). *Destinos Pessoais e Estrutura de Classe*. Lisboa.
- BOURDIEU, P. (1974). “Condição de Classe e Posição de Classe” in AGUIAR, N. (org.), *Hierarquias em Classes*. Zahar, Rio de Janeiro.
- IDEM (1978). “Classement, Déclassement, Reclassement” in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 24, Paris.
- IDEM (1979). *La Distinction*. Ed. Minuit, Paris.
- IDEM (1980). *Le Sens Pratique*. Ed. Minuit, Paris.
- IDEM (1989). *O Poder Simbólico*. Ed. Difel, Lisboa.
- IDEM (s/ data). *Reprodução*. Ed. Veiga, Lisboa.
- CERVANTES, M. (s/ data). *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*. Europa América.
- COSTA, A. F. da (1987). “John Roemer: um novo e importante contributo para a teoria das classes sociais”, in *Análise Social*, nº 98, Vol.23.
- ESTEVES, A. J. (1991). “A família numa sociedade em mudança”. *Revista de Sociologia*. Faculdade de Letras da U. P..
- FORMAN, B., AHOLA, T. (1988). “The return of the question “why”: advantages of exploring pre-existing explanations” in *Family Process*, Vol. 27, nº 4 (December 1988).
- GIDDENS, A. (1984). *Capitalismo e Moderna Teoria Social*. Presença, Lisboa.
- GOLDMAN, L. (1971). *Sciences Humaines et Philosophie*. Gonthier, Paris.
- IDEM (1976). *A Criação Cultural na Sociedade Moderna*. Ed. Presença, Lisboa.
- KERLINGER, F. N. (1973). *Foundations of Behavioral Research*. Holt-Saunders Intern. Editions, 2º Edition, Tokyo.

- KIRCHLER, E., PALMONARI, A. and POMBENI, M. L. (1994). "Social categorization process as dependent on status differences between groups: a step into adolescents' peer -groups", in *European Journal of Social Psychology*, Vol.24, Ed. Wiley.
- KRIPPENDORF, K. (1980). *Content Analysis, an Introduction to its Methodology*. Sage, Londres.
- LEDROUT, R. (1971). *Sociologia Urbana*. Ed. Forense, S. Paulo.
- LINCOLN e DENZIN (1994). *Handbook of Qualitative Research*. Sage Publication, California.
- MAGALHÃES, D. M. da G. (1994). *Classes Sociais e Trajectórias Intergeracionais*. Faculdade de Letras, Porto.
- IDEM (1991). "A sociedade perante o lazer", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, nº 1.
- MANIS, M. (1973), *Processos Cognitivos*, Coleção Ciências do Comportamento, Ed. Herder, S. Paulo.
- NUNES, A. S. (1968). *Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento*. Moraes Editores, Lisboa.
- IDEM (1987). *Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais*. Ed. Presença, Lisboa.
- ORTIZ, R. (1983). *Pierre Bourdieu*. Ed. Ática, S. Paulo.
- OSGOOD, S., TANNEMBAUM (1975). *The Measurement of Meaning*. University of Illinois Press.
- PAIS, J. M. (1993). *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Coleção Análise Social, Lisboa.
- PINÇON, M., PINÇON-CHARLOT, M. (1989). *Dans les Beaux Quartiers*. Ed du Seuil, Paris.
- PINTO, J. M. (1978). *Ideologias: Inventário Crítico de um Conceito*. Presença, Lisboa.
- IDEM (1990). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa, Ed. Presença.
- PINTO, J. M., SILVA, A. S. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Biblioteca das Ciências do Homem, Ed. Afrontamento.
- SNIDER and OSGOOD (1969). *Semantic Differential Technique*. Ed. Aldine, Chicago.
- TOURAINÉ, A. (s/ data). "Sociologies et Sociologies", in M. Guilhaume (ed.), *L'État des Sciences Sociales en France*. Ed. La Découverte, Paris.
- VALA, J. (1987). "A Análise de Conteúdo" in PINTO, J. M., SILVA, A. S., *Metodologia das Ciências Sociais*. Ed. Afrontamento.
- VIEIRA, M. M. "Entre freiras e boas maneiras: práticas de educação feminina das classes superiores", in *Actas do I Congresso Português de Sociologia*. Vol. I, Ed. Fragmentos.
- IDEM (1993). "Letras, artes e boas maneiras: a educação feminina das classes dominantes", in *Análise Social*. Vol. XXVIII (120). Lisboa.